



O PROOF

TOP
SEL
LER

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

VI KEELAND

Por vezes forjamos o nosso próprio caminho.

*Outras vezes este já nos foi traçado,
e só temos mesmo de o seguir.*

Um

Rachel

Tem de haver uma correlação lógica, cientificamente explicável, para que alguém geneticamente abençoado se porte como um imbecil.

Voltei a ponderar no motivo da bebedeira da minha amiga, à porta dos lavabos. É claro que a fila para a casa de banho das senhoras tinha uns cinco metros de comprimento. Só os homens deveriam poder aliviar-se a seu bel-prazer. O Gajo Casado estava ali a enviar mensagens escritas pelo telefone — muito provavelmente a mentir a outra vítima incauta. Os seus dedos moviam-se freneticamente. Examinei-lhe o anelar esquerdo. Nada de aliança. *Que surpresa...!* Seria certamente mais difícil vender a imagem de homem solteiro à procura da mulher dos seus sonhos, de anilha metálica e brilhante — símbolo de compromisso eterno para com outra pessoa — enfiada no dedo.

Ui, que sacana...

Eu adorava a Ava, mas desconfiaria de qualquer tipo de 35 anos que me viesse com essa conversa num primeiro encontro.

Desviei o olhar da mão do Gajo Casado e encarei-o no preciso instante em que ele olhou para cima — *ai se os olhos matassem...* —, dirigindo-lhe um esgar de desprezo. Nem sei porque fiquei surpreendida quando o tipo me sorriu.

Imbecil.

Devia achar que eu estava a tirar-lhe as medidas.

Peguei no telemóvel que tinha no bolso, para me distrair enquanto esperava, e baixei o olhar para ler as mensagens novas. Só que... não conseguia ver o raio das letras sem os óculos. Voltei a guardar o telemóvel e esperei pacientemente. Sentia-me observada, mas franzir o sobrolho dá ainda mais trabalho do que sorrir e aquele tipo não merecia nem uma prega na minha testa.

Depois de ir à casa de banho e quase queimar as mãos ao lavá-las — as torneiras dos lavatórios do O'Leary's só tinham água a esquentar —, estava pronta para ir para casa. O meu turno acabara há uma hora e a Ava sentia-se de rastos desde que o traidor entrara, o que me levou a concluir que não iria certamente opor-se a ir embora mais cedo.

Uma sonora e profunda voz de barítono deteve-me à saída da casa de banho.

— Conheço-a de algum lado?

Virei-me e vi o Gajo Casado desencostar-se da parede como se estivesse à minha espera. *Ignora-o, Rachel. Não merece que percas tempo com ele.* Fixei-o nos olhos para deixar bem claro que o ouvira, virei-lhe as costas e percorri o longo corredor na direção do bar.

Ele não entendeu a mensagem, acertou o passo comigo e ia dizer qualquer coisa, mas eu parei de repente e virei-me para ele.

— Você é um imbecil, sabe?

Ele teve o desprazer de se mostrar ofendido.

— Eu? Parece que nos conhecemos mesmo, não é?

— Conheço gente da sua laia.

— O que raio quer dizer com isso?

Revirei os olhos.

— Acha que pode andar a fazer das pessoas gato-sapato e safar-se com um sorriso, lá porque é bonito? Espero que o karma o castigue valentemente um dia, que a sua linda mulherzinha acabe a foder com metade da cidade de Nova Iorque e lhe pegue uma doença que lhe faça cair essa pila enorme.

Ele ergueu as mãos.

— Ouça, querida, não faço ideia de quem você pensa que eu sou, nem o que pensa que a minha pila enorme fez de errado, mas tenho quase a certeza de que me está a confundir com outra pessoa.

Olhei-o como quem diz «poupe-me» e declarei:

— Eu estou com a Ava.

— *Ah*, a Ava. Está tudo explicado.

Eu rosnei-lhe na verdadeira aceção da palavra.

— Grrrrrr... acho bem que fique.

O sacana dirigiu-me um sorriso de cem *megawatts*.

— Fica gira quando rosna assim.

Os olhos quase me saíram disparados das órbitas.

— Está a *atirar-se a mim*?

— Considerando... que eu e a Ava... enfim... percebe? Não seria muito correto, pois não?

— Você é uma bela prenda — atirei-lhe, virando-me para ir embora.

— Espere. — Agarrou-me no braço e voltou a deter-me. — Posso perguntar-lhe só uma coisa?

— O quê?

— Quem é a Ava?

Incrível. Era bem possível que um tipo como ele não se lembrasse dos nomes das mulheres que levava para a cama. Quer dizer, eles tinham dormido juntos, pela última vez, já há umas *duas semanas*.

— Vá para casa ter com a sua mulher, *Owen*.

Deixei o Owen Casado no corredor e voltei para a mesa onde a Ava afogava as suas mágoas em silêncio.

— Queres sair daqui? Estou um pouco cansada e tenho de me levantar cedo de manhã.

Achei que não valia a pena mencionar a minha pequena alteração com o traste, pois iria apenas piorar as coisas. Infelizmente, a Ava começara mesmo a apaixonar-se pelo estupor. Ele deixara-a em êxtase, durante o mês em que tinham saído juntos, com a história de que estava já a imaginar um futuro de ambos com filhos e um cãozinho.

Ironicamente, tinha razão. O seu futuro envolvia de facto filhos e um cão, pois encontrara-o no parque a passear, de trela na mão, com as duas filhas pequenas de cabelo cor de platina. Apenas se esquecera de dizer que, nessa sua versão do futuro, a *esposa* traria também ao colo o filho de ambos, com um mês.

A Ava cambaleou um pouco ao saltar do banco do bar.

— Devia saltar para cima deste balcão e avisar todas as mulheres para terem cuidado com aquele sacana.

Em circunstâncias normais eu teria concordado, mas naquela noite tinha quase a certeza de que a subida ao balcão acabaria numa visita ao serviço de urgências.

— Ele não merece o ar que respiras.

Retirei a camisola das costas da cadeira e dei-lha. Ela suspirou e após algumas tentativas conseguiu vesti-la.

O Charlie, que estivera a ouvir-nos durante quase toda a noite, encontrava-se atrás do balcão, a tirar uma cerveja.

— Acabou-se. A partir de agora quero nomes. — Bateu com a caneca cheia em cima do balcão de madeira, salpicando cerveja por todo o lado. — Vou investigar todos os sacanas com quem vocês saírem. — O Charlie O’Leary era o dono do bar de Brooklyn onde eu e a Ava trabalhávamos e era também polícia reformado.

Eu sorri.

— Até me dás vontade de te dar os nomes de presumíveis assassinos em série, só para ver as tuas orelhas tingirem-se daquele lindo tom de roxo com que ficam quando estás furioso.

Inclinei-me sobre o balcão e beijei-o no rosto.

— Boa noite, Charlie-o.

Ele resmungou qualquer coisa. Que se sentia agradecido por não ter filhas, ou coisa que o valha, e enxotou-me com um aceno.

— Podemos sair pela porta das traseiras? — perguntou a Ava. — Não quero cruzar-me com ele quando sair.

— Claro que sim.

Segurei-lhe no braço para me assegurar de que não se desequilibrava. Demos meia dúzia de passos e quando levantei a cabeça vi o Gajo Casado junto à porta das traseiras.

— Hum, é melhor sairmos pela porta da frente, Ava. Ele agora está na porta das traseiras.

Ela olhou em redor.

— Não. Está junto à porta da frente a falar com o Sal, o novo empregado.

Ela estava mais bêbeda do que eu imaginava. Ergui o queixo na direção da porta das traseiras, em linha reta em direção ao Owen.

— Aquilo é a porta das traseiras, Ava.

— Eu sei, e o Owen está junto à porta da frente.

Franzi a testa.

— Aquele tipo de camisa azul não é o Owen?

Ela roncou ebriamente.

— Eu disse que ele era o tipo bem-parecido de camisa azul e não aquele deus grego com pinta de modelo.

Virei bruscamente a cabeça para a parte da frente do bar. Vi apenas um tipo que não conhecia, junto à porta, a falar com o Sal.

— O Owen é aquele que está a falar com o empregado novo, neste momento?

Ela voltou a olhar, suspirou e acenou com a cabeça.

— Devia dizer ao Sal para lhe dar um soco.

— Ava, o tipo que está a falar com o Sal, neste preciso momento, é o Owen?

— É.

— A camisa dele é *castanha* e não azul, Ava.

Ela voltou a olhar para a porta da frente, piscou os olhos e encolheu os ombros.

— Talvez. Não estou a ver muito bem. As minhas lentes de contacto estão todas sujas com maquilhagem, por ter chorado.

Quando a Ava me dissera que o ex-namorado acabara de entrar, fazendo um gesto abrangente para a porta da frente, só vira um tipo de camisa azul.

Merda. Dera uma descasca ao tipo errado.

Como não seria fácil convencer a Ava a sair pela porta da frente, onde o *verdadeiro* Owen estava, tive de me aguentar. É claro que o

Falso Owen ficou de olho em mim, com um sorriso afetado, até chegarmos à porta das traseiras.

Quando estávamos a passar por ele, acenou com a cabeça à minha amiga.

— Desejo-te uma boa noite, Ava. Boa noite, Refilona.

Decidi safar-me cobardemente e mantive-me de cabeça muito direita, sem encarar o tipo até sairmos porta fora.

A Ava não parecia tão determinada, pois virou a cabeça e ficou de olhos pregados no Falso Owen, mesmo enquanto nos dirigíamos para o beco. Estava embriagada, e com as lentes de contacto sujas, mas não era cega.

— C’os diabos! Viste aquele tipo? Ele não acabou de dizer o meu nome?

Olhei de relance para trás, no momento em que a porta do bar se fechava, e o Falso Owen acenou-me com um sorriso descarado.

— Estás a ouvir coisas.

Meu Deus, ia chegar atrasada!

Como se não fosse suficientemente mau ter de ir para as aulas à segunda-feira, depois de trabalhar dois turnos seguidos ao domingo, eu entornara café na blusa, numa travagem brusca causada por um velho num *Cadillac* enorme — que decidira que precisava de virar à esquerda... diretamente da faixa da direita.

O primeiro dia de aulas era sempre um pesadelo. As pessoas andavam perdidas pelo *campus* e paravam no meio da estrada para indicar aos colegas o caminho para os diferentes edifícios. Eu buzi-nei a dois caloiros que estavam a fazer precisamente isso e eles ainda olharam para mim como se a chata fosse eu.

Vá lá. Toca a mexer, pessoal.

Depois de dar três voltas ao parque, estacionei num lugar reservado, em frente ao Salão Nórdico. Inclinei-me para o outro lado e comecei a remexer no porta-luvas, atirando metade do que lá tinha dentro para o chão, até encontrar o que pretendia.

Cá está.

Entalei uma multa antiga no limpa-para-brisas e encaminhei-me para o anfiteatro 208. Sentia imensa vontade de fazer chichi, mas teria de me aguentar até depois da aula. Sabia três coisas acerca do professor West, além de que estava na área de composição musical. Primeira: desembaraçara-se da sua última assistente porque se recusara a ser tão rigorosa como ele pretendia nas classificações. Segunda: durante a última semana, sempre que dizia a alguém que fora transferida para o professor West, as pessoas faziam-me uma cara nada encorajadora e diziam-me que ele era um sacana que quase fora despedido uns anos antes. Terceira: detestava atrasos dos alunos. Tinha por hábito trancar a porta depois de a aula começar, para que os retardatários não interrompessem a sua palestra.

Nada disso era bom prenúncio, mas que alternativa tinha? O meu cargo de professora assistente com o professor Clarence fora eliminado há três semanas, depois de ele morrer subitamente com um aneurisma. Já era uma sorte ter conseguido arranjar alguma coisa. Sem este cargo ser-me-ia impossível pagar as propinas no Conservatório de Música. Ainda assim, tinha de trabalhar a tempo inteiro como empregada de mesa no O'Leary's, para conseguir suportar a renda de casa e as propinas parcialmente reduzidas.

Quando cheguei à aula tinha gotas de suor a escorrerem para dentro do decote. A porta estava fechada, por isso aproveitei para tentar compor-me um pouco, acamando o melhor possível os meus rebeldes caracóis escuros, à mercê da humidade que se fazia sentir. Era inútil tentar disfarçar a nódoa que me cobria uma boa parte do seio direito, por isso passei o portefólio de cabedal que trazia comigo para a outra mão e cobri a nódoa com ele. Depois respirei fundo e levei a mão ao puxador.

A porta estava trancada.

Merda.

E agora? Vi as horas no telemóvel. Estava atrasada apenas oito minutos e era o primeiro dia do semestre de outono; porém, ouvia o professor lá dentro já a dar a aula. Deveria bater à porta e interromper, sabendo que ele embirrava solenemente com isso, ou faltar no primeiro dia do meu novo cargo?

O atraso era um mal menor.

Ou, pelo menos, era o que eu pensava.

Bati várias vezes levemente com os nós dos dedos na porta, na esperança de que um aluno, que estivesse mais atrás, me ouvisse e eu conseguisse entrar, sem que dessem por isso.

A voz sonora do professor deixou de se ouvir assim que a porta se abriu. Era um anfiteatro em arquibancada, por isso eu estava a entrar pela fila de cima e o professor estava lá em baixo, junto da primeira fila. Felizmente, quando entrei em bicos de pés ele estava virado de costas, a escrever no quadro.

— Obrigada — sussurrei, sentando-me no lugar mais próximo, ao fundo da sala, e suspirando de alívio.

Mas talvez a sensação de me ter safado fosse precoce.

O professor continuou a escrever enquanto falava:

— Quem chegou atrasado?

Ui!...

Apeteceu-me afundar no assento e fingir que não era comigo. Mas eu era a professora assistente e não uma aluna. Precisava que me respeitassem, pois daria aquela aula de vez em quando.

Pigarreei.

— Fui eu que me atrasei, professor.

Ele tapou o marcador e virou-se.

Pestanejei várias vezes. Os meus olhos só podiam estar a pregar-me partidas. Levei a mão à mala, tirei os óculos e coloquei-os — embora visse perfeitamente ao longe —, como se o homem que tinha diante de mim pudesse converter-se miraculosamente noutra pessoa se pusesse os óculos de leitura.

Mas não era outra pessoa que ali estava.

Isso era inquestionável. Ninguém poderia esquecer um rosto daqueles.

Era absolutamente divino.

Era *ele*.

C'os diabos!

Era mesmo ele.

Estou lixada.

Totalmente lixada.

O professor esquadrinhou a sala com mais de 200 alunos sem conseguir determinar de onde viera a voz. Rezei para que desistisse e se limitasse a advertir a turma, em geral, de que não tolerava atrasos.

Não tive essa sorte. Aliás, nunca tive sorte alguma.

— Faça o favor de se levantar quem chegou tarde. Levante-se!

Oh, meu Deus...

Como professora assistente, senti o peso dos 25 mil dólares de desconto de que beneficiava nas propinas afundar-se como chumbo no estômago, o que me dificultava a tarefa de levantar-me da cadeira. Mas não havia como evitá-lo. Aquilo iria ser um problema.

Levantei-me, hesitantemente, e contive a respiração, na esperança de que ele não me reconhecesse.

Talvez tivesse bebido em demasia e não se lembrasse sequer da nossa breve troca de palavras da noite anterior, no bar.

— Não tolerarei atrasos de alunos, pois interrompem a minha aula.

— Compreendo.

A iluminação do teto refletia-se-lhe no rosto como se ele fosse um ator num palco, tornando-lhe difícil ver até às filas de cima do anfiteatro. Erguei uma mão para proteger os olhos da luz. Eu estava 20 filas acima dele e certamente a mais de 50 metros de distância; contudo, quando os nossos olhos se cruzaram ficámos com o olhar preso um no outro, como se fôssemos as duas únicas pessoas na sala.

Percebi na hora que ele me reconhecera. Vi-o acontecer em câmara lenta. Um sorriso indolente surgiu-lhe no rosto atraente, mas não foi felicidade que vi nele. Mais parecia o sorriso de um cão que acabara de encurralar um gatinho a um canto e tencionava divertir-se a atormentar o pobre bichano.

Engoli em seco.

— Não volta a acontecer, professor. Chamo-me Rachel Martin e sou a sua professora assistente.

Dois

Rachel

O anfiteatro estava já completamente vazio. Eu não percebi sequer se ele sabia que eu continuava sentada no meu lugar. Se sabia, estava a ignorar-me na perfeição enquanto guardava o seu portátil.

— Ao contrário do que provavelmente ouviu dizer de mim, eu não mordo.

Dei um salto quando ele falou. Agora que o anfiteatro já não estava cheio de alunos, a sua voz profunda parecia ricochetear pelas paredes devido à acústica daquele grande espaço.

Levantei-me e iniciei o meu passeio da vergonha até à parte da frente da sala de aulas. Sem dúvida que o homem merecia um pedido de desculpas, mesmo se não fosse professor — um professor que seria o meu novo patrão pelo menos durante as próximas 15 semanas. Apeteceu-me bater em mim própria por não lhe ter pedido desculpa na noite anterior, antes de sair do bar. Agora iria parecer que o fazia apenas por me encontrar naquela situação.

O que até era verdade — não me interpretem mal —, só não queria *dá-lo a entender*.

Respirei fundo.

— Lamento muito o que se passou ontem à noite.

Ele estava com uma expressão impassível.

— Calculei que o lamentaria, nas presentes circunstâncias.

— É evidente que o confundi com outra pessoa.

— Foi o que deduzi. Você pensou que eu era o tal sacana.

O da pila enorme, não foi?

Fechei os olhos. Passara os últimos 90 minutos a recordar repetidamente toda a conversa da noite anterior. Julgava lembrar-me de tudo o que dissera, mas pelos vistos não. Quando voltei a abrir os olhos, o professor West continuava a observar-me. Tinha um olhar estupidamente intenso.

Comecei a divagar:

— A minha amiga Ava saiu com esse Owen durante cerca de um mês. Ele deu-lhe só conversa desde o primeiro dia, mas ela não se apercebeu disso. Teve o desprante de chegar junto dela uma noite, quando estava a sair do trabalho, e perguntar-lhe: «Importa-se de que a leve a casa? A minha mãe sempre me disse para seguir os meus sonhos.» E ela foi naquela treta. Depois, num sábado em que ele devia supostamente estar fora da cidade, em viagem de negócios, e ela andava pela cidade a fazer uns recados à mãe, a Ava cortou caminho pelo parque de Madison Square, quando regressava do supermercado, e deu de caras com ele acompanhado da mulher e das filhas.

— E, pelos vistos, você confundiu-me com ele.

Anuí com a cabeça.

— Ela entrou no bar durante o meu turno e começou a beber *Long Island iced teas*. Quando o Owen entrou, ela apontou para o sítio onde ele estava e disse que era o de camisa azul.

— Presumo que estivéssemos ambos a vestir camisas da mesma cor...

Não consegui deixar de sorrir, ao lembrar-me da Ava na noite anterior.

— Por acaso não. A Ava não aguenta o álcool. Mas estava mais entornada do que pensava. A camisa do Owen era castanha. Nem sequer era preta, uma cor que poderia facilmente ser confundida com azul-escuro ou coisa do género.

O lábio do professor West estremeceu.

— Seja como for, lamento muito. Mal lhe dei hipótese de falar e depois, quando percebi o que tinha acontecido, senti-me de tal forma envergonhada que nem sequer parei para pedir desculpa.

— Aceito as suas desculpas pela noite de ontem. Embora ache que não deve aproximar-se sozinha de um homem para lhe dar uma descasca num corredor, as suas intenções eram admiráveis.

Devia ter-me calado e sentir-me agradecida por ter aceitado o meu pedido de desculpas. *Pois devia...*

— Por que razão não devo aproximar-me de um homem num corredor?

Ele pôs-me na ordem com um olhar:

— Porque é uma amostra de gente e estava num bar barulhento. Ninguém a teria ouvido se eu a arrastasse para os lavabos e trancasse a porta.

Cruzei os braços sobre o peito.

— Sei cuidar de mim própria.

— Eu não disse que não sabia, disse que não devia colocar-se nessas situações.

— Mas insinuou que eu não sabia, ao fazer essa afirmação.

Ele correu o fecho da sua pasta de cabedal.

— Menina Martin, acabei de aceitar as suas desculpas por me ter chamado sacana ontem à noite. Quer que retire o que disse?

Meu Deus, que idiota estava a ser...! Aquele homem tinha o condão de me transformar numa psicopata.

— Não. Peço desculpa. Agi como uma idiota e gostaria de recomençar, se for possível.

Ele acenou com a cabeça.

— Tudo o que aconteceu antes desta manhã está esquecido.

— Obrigada.

— Mas não o que aconteceu esta manhã. Não aceitarei atrasos. Faça por não repetir.

Engoli em seco.

— Não voltará a acontecer.

Ele pendurou ao ombro a velha pasta castanha de cabedal.

— Venha ter comigo aqui, amanhã, às cinco. Vamos rever o programa e as aulas que dará, bem como as minhas diretrizes em termos de classificações.

A hora ia calhar mesmo a meio do meu turno, mas eu arranjava maneira de resolver o assunto.

— Está bem.

— Terminou o seu dia?

— Sim. Por acaso tenho de ir trabalhar. Vou fazer o turno da Ava, porque ela não está a sentir-se muito bem depois da noite de ontem. Ambas trabalhamos no O'Leary's.

— É empregada lá?

— Empregada de mesa e de bar, e também descomponho clientes, de vez em quando.

A observação valeu-me um franco sorriso do professor West. *Meu Deus, o homem devia sorrir assim mais vezes.* Não. Esqueçam o que eu disse. Não deveria, decididamente, fazê-lo.

— Eu saio consigo.

Percorremos os corredores e saímos juntos para o parque de estacionamento. Quando chegámos junto do meu carro, parei.

— O meu carro é este. Então... amanhã, às cinco?

O professor West olhou para o meu velho *Subaru*.

— Estacionou num lugar reservado ao reitor. Tem uma multa de estacionamento — disse, franzindo os olhos. — Por acaso acho que são duas. Ultrapassou o prazo de inspeção ou coisa assim?

Bolas!...

— Hum... não. Tenho uma multa guardada no porta-luvas e ponho-a no para-brisas quando tenho de estacionar num sítio proibido.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Que inventiva.

— Claro que nem sempre resulta.

— É claro...

— Precisamos de mais lugares para estacionar. É impossível encontrar um quando nos atrasamos.

Ele estudou-me.

— É frequente atrasar-se, não é?

— Infelizmente.

— Nesse caso, gostaria de esclarecer algo que disse antes.

— Ah, não, não é necessário. Não chegarei atrasada à sua aula.

Ele deu um passo em frente e inclinou-se para mim.

— Ainda bem, menina Martin, mas não é isso que precisa de ser esclarecido.

Engoli em seco. *Meu Deus, que bem que ele cheira...!*

— Há pouco disse-lhe que não mordida os alunos. — Sorri e senti a malícia da frase chegar-me a sítios interessantes. — E é verdade, mas não posso garantir que não morda professoras assistentes refilonas.

Havia raparigas cujos pais limpavam as caçadeiras quando algum rapaz ia buscar as filhas a casa. Eu tinha o Charlie.

Embora em Nova Iorque fosse proibido fumar em estabelecimentos onde se comia, pelo menos há uns 10 anos, o Charlie continuava a acender o seu cigarro atrás do balcão. *Benson & Hedges* sem filtro. Quem iria contrariar um ex-polícia corpulento como o Charlie?

— Afinal, quem é esse tipo com quem vais encontrar-te esta noite? — perguntou, enquanto tirava o taco de basebol que tinha guardado atrás do balcão e o pousava em cima. — Vou deixar isto aqui para quando ele entrar.

Dei uma gargalhada, erguendo a minha bandeja com bebidas.

— Não é necessário, Charlie. É um contabilista de 32 anos de Upper East Side.

— Não te deixes enganar por isso. As aparências iludem. O sal é muito parecido com o açúcar, querida.

Eu não percebia sequer porque andava a tentar arranjar encontros. Impusera a mim mesma um intervalo nos namorados desde que terminara a minha relação com o Davis, há oito meses. Não

tinha tempo nem energia para me envolver numa relação. Isto para não dizer que o meu historial com homens não era grande coisa. Creio que o fazia sobretudo para animar a Ava. No inverno anterior, a relação que mantinha há sete anos com o namorado terminara no dia em que fizera 25 anos. Estavam juntos desde o último ano do secundário. Depois de a ver amuada durante meses, consegui finalmente convencê-la a registar-se num daqueles websites de encontros. Eu registara-me também por uma questão de solidariedade, embora não fosse realmente minha intenção sair com alguém. Foi pior a emenda que o soneto, pois foi justamente nesse website que conheceu o Owen Casado. Com amigas como eu a animá-la, estaria tratada a *Prozac* em menos de nada.

Servi as bebidas na mesa que tinha a meu cargo e tomei nota de um pedido na mesa oito, embora o meu turno tivesse terminado. No fundo estava a adiar o momento de ir mudar de roupa e preparar-me para o meu encontro. Depois das 20 horas o serviço de mesas no O'Leary's acabava quando quiséssemos. Para os que torciam o nariz, o lema do Charlie era: «*Há uma casa de hambúrgueres ao fundo da rua. Vão pela sombra.*»

Depois de trocar o uniforme pela minha roupa, lavei-me na casa de banho, apliquei um pouco de rímel nas pestanas, passei algum brilho nos lábios carnudos e olhei para o espelho. Felizmente herdara a tez cor de porcelana da minha mãe, por isso nunca precisava de me maquilhar muito. Pensei em realçar os meus olhos verdes com um pouco de *eyeliner* preto, mas mudei de ideias. *Está muito bem assim*, pensei, o que talvez não fosse exatamente o esforço que deveria fazer num primeiro encontro.

Depois de uma troca inicial de e-mails, o Mason parecera-me um tipo decente, por isso continuara a falar com ele nas últimas semanas. Preenchia todas as minhas exigências: emprego bem remunerado, sim; educado, sim; mais de 30 anos, mas ainda longe dos 40, sim; não usava expressões do tipo *absolutamente de acordo* ou *erro meu* nas nossas trocas de mensagens, sim; bem-parecido e bem arranjado, sim. Devia estar mais entusiasmada, pois terminara

a minha relação com o Davis há já bastante tempo. Já estava na hora de seguir em frente.

Vi-o antes de ele reparar em mim. Fora ao armazém buscar algumas garrafas de tequila, para entregar ao Charlie, e vi o Mason a olhar em redor. Era parecido com as fotografias, o que abonava a seu favor. Talvez fosse um nadinha mais magro do que esperava, mas nada de surpreendente. Era de estatura e constituição média. Atraente, mas não a ponto de provocar um frio na barriga. Estava de camisa azul, recordando-me o professor West na noite anterior, o que, estranhamente, me provocou um calor nas entranhas.

Não posso garantir que não morda professoras assistentes refilonas, veio-me à memória.

Sacudi a cabeça, procurando incutir em mim própria algum bom senso, e respirei fundo antes de ir ao encontro do Mason.

Sabem aquela sensação com que se fica quando pensamos que vamos provar uma coisa e nos sai outra? Do tipo água ou refrigerante? Não é que isso nos desagrade, o problema é esperarmos algo insípido, sem gás, e sentirmos uma inesperada efervescência — demasiada efervescência.

O Mason era efervescência e não água da torneira, como eu esperava. Talvez a palavra «contabilista» gerasse em mim noções preconcebidas quanto ao tipo de pessoa que ele seria. O facto é que era bem mais confiante e ousado do que contava.

— És mesmo linda. Não é que pensasse o contrário, a avaliar pela tua foto de perfil, mas era apenas uma fotografia de rosto. Confesso que não esperava uma Megan Fox do pescoço para baixo.

— Creio que devo agradecer... — Embora fosse um elogio, não gostei da forma como ele me olhou. Tínhamos ido jantar ali perto e voltáramos ao O'Leary's para tomar umas bebidas. Ele percorreu-me o corpo com os olhos e ia já no quarto *bourbon*-cola, o que era mais um sinal de alarme. Três bebidas brancas ao jantar, num primeiro encontro? As bebidas tornavam-no mais ousado e eu estava a gostar cada vez menos disso.

— Disseste que eras cem por cento italiana, certo?

— Não. Tenho também um pouco de sangue alemão.

Ele inclinou-se para mim e pousou-me uma mão num joelho.

— Que tal eu imbuir-te de um pouco mais de virtude alemã hoje à noite?

Ui!... Estava a ponto de mandar o imbecil dar milho aos pombos quando o Charlie nos interrompeu... com o taco de basebol. Atirou-o para cima do balcão entre nós, e o Mason deu um salto para trás.

— Está tudo bem por aqui? A minha menina não parece muito satisfeita.

Eu não desejava provocar uma cena. Só queria que aquele encontro horrível terminasse.

— Ele é teu pai? — perguntou o Mason.

Ignorei-o e dirigi-me ao Charlie.

— Está tudo bem. Aliás, íamos dar a noite por terminada.

O Mason interpretou mal a minha observação, emborcou o resto da bebida e levantou-se.

— Em minha casa ou na tua?

— Tu vais para a tua e eu vou para a minha.

Ele esticou um braço e eu dei um passo atrás.

— Vai para casa, Mason, antes que o Charlie te enfie o taco pelo rabo acima.

Percebendo que não ia dar uma queca, o Mason pagou a conta e foi embora. Eu sorri ao Charlie depois de ele sair.

— Cobraste-lhe o *bourbon*-cola a dobrar?

— Com sobretaxa para imbecis.

Dei uma gargalhada e, como não queria sair logo a seguir ao Mason, fiquei sentada ao balcão com o Charlie durante algum tempo.

— Estes encontros são uma chatice — disse eu, enfadada. — Não admira que tenha tão poucos.

— Ainda bem que as coisas não eram assim no meu tempo. Nunca teria conhecido a minha Audrey, se assim fosse.

A mulher do Charlie morrera de um ataque de coração, aos 50 e poucos anos, há quase uma década.

— Mas, afinal, como se conheceram?

— À moda antiga. No supermercado.

— Que ternura. Os vossos carrinhos foram um contra o outro, como nos filmes?

— Algo desse género. A Audrey estava no corredor da fruta e dos vegetais, a escolher beringelas, e colocou-as no carrinho errado. Ia já a meio do corredor quando se apercebeu disso. Quando voltou para trás, para ir buscar o carrinho dela, reparou que o que levava tinha uma lista de compras escrita à mão.

— Tinha levado o teu carrinho?

— Sim. Ela entregou-me o papel e disse: «Levei o carrinho errado e não gostaria que se esquecesse de alguns itens importantes que tem na sua lista.»

— O que tinhas escrito lá?

O Charlie encolheu os ombros.

— Dizia «queijo e outras merdas».

Franzi o sobrolho.

— Literalmente «queijo e outras merdas»? Sem especificares as outras merdas?

— Eu só não queria esquecer-me do queijo. Gosto de comer uma fatia de *cheddar* à noite, antes de ir para a cama. As «*outras merdas*» eram o resto, mas não tão importantes. — O Charlie olhou para o ar. — Mas a Audrey sorriu-me e o meu coração sofreu um tropeço estranhíssimo como nunca antes tivera. Pensei que era um ataque cardíaco. Tive de me sentar ali mesmo, junto das beringelas, para recuperar o fôlego. Acontece que não foi apenas «queijo e outras merdas» que trouxe do supermercado, nesse dia.

— Talvez deva experimentar o supermercado, já que os encontros online não são a minha praia.

— Nunca experimentei, mas parece-me estúpido. Obrigá-te a fazer mentalmente uma lista daquilo que pretendes num companheiro e a procurares pessoas que preencham todos esses requisitos. Mas, na verdade, pouco importa que requisitos preencham. Quando encontrares a pessoa certa, o teu coração dará sinal. — Piscou-me o olho. — O coração e outras partes do corpo.

Três

Rachel

Eu não estava atrasada, estava *miseravelmente* atrasada. Precisava também de um duche, de um mecânico, de uma garrafa de vinho e muito provavelmente de um novo emprego — não necessariamente por essa ordem. E pensar que estava apenas a quatro quarteirões da universidade, meia hora antes do combinado, a achar que teria tempo suficiente para arranjar um lugar para estacionar e ainda fazer a caminhada de 15 minutos, para ir ter com o Professor Pontualidade e demonstrar-lhe que conseguia chegar a horas...

Mas depois... rebentara-me um pneu. Ouvi um estouro seguido de um silvo prolongado. Ainda tentei ignorá-lo e continuar a conduzir, mas o carro começou a pender e a fugir para a direita, pelo que tive mesmo de parar.

Era uma chatice, mas ainda tinha tempo. O Davis, o tipo com quem partilhara a casa e fora meu ex-qualquer coisa durante algum tempo, ensinara-me a mudar um pneu. A princípio tudo parecia estar a correr bem. Tirei o macaco do porta-bagagens, ergui o carro como uma profissional e comecei a tratar do pneu furado. Tudo parecia estar a correr sobre rodas até chegar à última porca. O raio da coisa estava presa. *Realmente* presa. A dada altura, como a porca estava do lado direito da roda, coloquei-lhe a chave inglesa e fiz força com o pé para tentar soltá-la, mas continuava emperrada. Depois tive

a brilhante ideia de me apoiar *em peso* sobre ela, por isso saltei para cima do longo punho da chave inglesa, esperando que essa pressão súbita soltasse a maldita da porca. Mas a chave escorregou e saltou para trás, atingindo-me em cheio numa canela.

Agora estava 20 minutos atrasada, e segui cheia de dores na perna, a coxear, para a universidade, cheirando a óleo de pneus e debaixo de mais de 30 graus. A minha única esperança era que o professor West tivesse também tido um furo e estivesse tão atrasado quanto eu. Era uma hipótese remota, mas tinha de me agarrar a alguma coisa para não sofrer um colapso nervoso, ao percorrer apressadamente os corredores.

Quando cheguei ao anfiteatro espreitei lá para dentro antes de abrir a porta. É claro que o professor West estava calmamente sentado à secretária.

Respirei fundo e entrei, decidida a enfrentar a sua ira.

— Antes que diga alguma coisa, quero esclarecer que cheguei meia hora mais cedo. Juro que cheguei.

Ele estava a escrever numa agenda e quando levantou a cabeça vi-o de óculos pela primeira vez. *Raios. Fica ainda mais sexy de óculos.* Cheguei mesmo a achar que o sobrolho franzido ficava-lhe a matar. Estaria a enlouquecer?

— Então, o que lhe aconteceu hoje, menina Martin? Distraiu-se com alguma coisa depois de estacionar em sítio proibido, há meia hora, enquanto procurava a minha sala de aulas? Parou para brincar na terra, foi?

— O quê?

Ele olhou-me de cima a baixo.

— Tem a cara e as roupas mascarradas.

Levei a mão à cara e comecei a esfregar as faces.

— Ah, mas isto não é terra, é óleo.

— Mais me ajuda.

— Tive um furo quando vinha para cá. — Eu não sabia onde tinha a cara suja, mas estava nervosa, por isso esfreguei-a aleatoriamente em vários sítios enquanto falava. — Uma das porcas estava presa e não conseguia tirar o pneu. Eu bem tentei, mas...

— Pare com isso, menina Martin — atalhou ele.

— Mas é verdade. Eu tentei mesmo chegar cedo. Consegui vir bem mais cedo, e depois pimba!, um pneu furado. Desta vez a culpa não foi minha.

— Não estava a referir-me à sua história rebuscada. Pare de esfregar a cara. Olhe para as suas mãos...!

Olhei para as minhas palmas. Merda, estavam cheias de óleo.

— Mascarrei a cara toda.

Ele tirou alguns guardanapos de dentro da secretária, levantou-se e veio ao meu encontro.

— Tem a cara toda enfarruscada de óleo. Porque não vai à casa de banho lavar-se?

Acenei com a cabeça, virei-me, dei alguns passos na direção da porta e então lembrei-me de uma coisa.

— Estará aqui quando eu regressar?

O professor West sorriu.

— Sim, Rachel. Ficarei aqui à sua espera. Isso parece estar a tornar-se um hábito entre nós.

Depois de esfregar as mãos e a cara com água, pensei em lavar a grande nódoa que tinha na camisa, mas foi inútil. Até agora estivera com o meu novo patrão três vezes. Da primeira vez, deralhe uma descasca; da segunda, interrompera-lhe a aula com uma camisa manchada de café; da terceira, fizera-o esperar quase meia hora, acabando por entrar na sala com uma aparência desastrosa, completamente mascarrada de óleo. Estava tudo cada vez melhor!

Quando voltei para a sala, o professor West já tinha arrumado as suas coisas.

— Desculpe, tem alguma aula agora?

— Não, mas vai começar a escurecer daqui a pouco, por isso é melhor irmos andando.

A escurecer?

— Hum... OK. Podemos reagendar? Talvez eu possa vir amanhã, antes da aula, para darmos uma vista de olhos ao que pretende.

— Não. Faremos isso hoje à noite. — Colocou uma mão ao fundo das minhas costas e guiou-me em direção às escadas do

anfiteatro, para que subisse com ele. — Tem de trabalhar no seu outro emprego?

— Não, tirei folga esta noite.

— Já não haverá mais aulas aqui, hoje à noite, por isso podemos voltar assim que nos despacharmos.

— Assim que nos despacharmos?

— Com o seu carro. Eu vou buscar o pneu sobressalente e vou consigo à loja de pneus. Depois podemos voltar e conversar sobre o que é necessário.

— Vai mudar o pneu do meu carro?

— Não vou deixá-la apeada, Rachel.

— Não tem de fazer isso, professor West.

— Claro que tenho. E trate-me por Caine.

Os músculos do Caine tinham tudo a ver com aquele rosto perfeito. Estava de camisa branca, mas tirara-a antes de começar a mudar o pneu, e estava a trabalhar com a chave inglesa, apenas com uma camisola interior branca e fina. Eu tinha os olhos pregados nos seus músculos e na forma como estes se dilatavam de cada vez que fazia força. Não sem algum esforço, lá conseguiu soltar a porca emperrada. Tinha uns bíceps incríveis, bronzeados e esculturais, com uma veia saliente ao meio que se prolongava até ao antebraço. Se pornografia de braços existisse, aquele era o meu canal privado. Até parecia mal estar a olhar, mas a vista era deslumbrante, meu Deus.

A dada altura, depois de tirar a roda, ergueu-a para a pôr na mala do meu carro e a camisola interior subiu, expondo-lhe dois recortes profundos em V, na base dos abdominais bem definidos. Senti-me enormemente tentada a tocar-lhe no estômago, passar-lhe os dedos pelo fino trilho de penugem que partia do umbigo e mergulhava no elástico negro dos seus boxers, agora ligeiramente visíveis.

Ele colocou o pneu vazio na mala do carro e começou a instalar a roda sobressalente.

— Devia ter um sobressalente de tamanho regular — disse ele, enquanto o fixava. — Estes pequenos não são seguros. Desequilibram

o carro e se você se envolver num acidente de automóvel com um pneu destes, o mais provável é capotar.

De vez em quando levantava os olhos para mim e quase me apanhou a tirar-lhe as medidas. Precisava urgentemente de me distrair, por isso fui para dentro do carro e agarrei no telemóvel, à procura da loja de pneus mais próxima.

O sol estava já a pôr-se quando ele guardou o macaco na mala do carro e a fechou. Embora tivesse arrefecido um pouco, o ar continuava muito húmido. O Caine estava suado e a sua camisola ficara irremediavelmente estragada.

— Acho que lhe devo uma camisola interior — disse-lhe, ao vê-la coberta de óleo.

Ele olhou para baixo.

— Já que está estragada, mais vale dar-lhe algum uso. — Limpou ambas as mãos sujas de óleo ao peito, enfarruscando o que restava de branco na camisola interior. Depois levou os braços atrás e despiu-a pela cabeça.

Quase fiquei de queixo caído, ao ver aquele corpo incrível por inteiro. Não faço ideia se ele reparou que estava de olhos pregados nele, mas não conseguia desviá-los daquele banquete para a vista. Ele usou a camisola interior para secar o suor do rosto e depois limpou um pouco melhor as mãos. Eu própria estava a começar a transpirar, embora não despendesse um grama de energia física.

— Sabe onde fica a loja de pneus mais próxima?

— Hum... fica apenas a três quarteirões daqui.

— Dê-me um minuto para vestir a camisa e vou já atrás de si.

Que pena.

— OK, obrigada.

Fiquei sentada no carro por instantes, congratulando-me por poder pôr as ideias em ordem antes de conduzir. Há quanto tempo não tinha relações com alguém? Oito meses? Meu Deus!... Talvez tivesse sido melhor chegar a vias de facto com o Mason, na noite anterior, só para saciar a libido. Bastara uma pequena exibição de abdominais e músculos para ficar com as cuecas húmidas. Sentia-me excitada como uma adolescente de 17 anos.

Quando deixámos o carro na Tire Express eram quase 19h30 e eles disseram que teria de ir buscá-lo na manhã seguinte. O Caine ficou sempre do meu lado e até me ajudou a escolher um pneu de preço acessível quando o vendedor me tentou vender um que custava mais do que uma semana de gorjetas no O’Leary’s.

— Pareço um disco riscado — disse, assim que entrei no carro dele —, sempre a pedir-lhe desculpa ou a agradecer-lhe.

— Não se preocupe. Ainda se sente com disposição para rever o programa e planear uma estratégia para este semestre? — Olhou para o relógio. — Está a fazer-se tarde. Posso deixá-la em casa, se estiver cansada.

— Sou uma ave noturna. O meu problema são as manhãs.

Ele acenou com a cabeça.

— Então, está bem.

Precisamente antes de pôr o carro a trabalhar, o meu estômago produziu um ronco horrendo. Um ruído gorgolejante, cavo e sonoro, que pareceu ecoar no interior silencioso do carro. Não havia como fingir que não tinha acontecido.

Ele sorriu.

— Que tal fazermos o nosso planeamento enquanto comemos alguma coisa?

Eu estava claramente esfomeada. Planeara comer algo antes de sair do trabalho, mas depois o bar encheu-se de gente e não quis parar para comer nem correr o risco de chegar atrasada. Fora de facto um dia muito bem planeado.

— Gostaria muito.

Ele pôs o carro a trabalhar.

— O que lhe apetece?

— Sou de boa boca. O que preferir, para mim está bem.

— Que tal um hambúrguer? Come carne?

Felizmente estava suficientemente escuro para que ele não me visse corar.

— Hum... sim, como carne.

E era exatamente isso que o meu corpo e o meu cérebro estavam a pedir, pelos vistos.

TUDO COMEÇOU COM UM MARAVILHOSO ENGANO...

A primeira vez que falei com o Caine West foi num bar. Ele reparou que eu estava a olhar na sua direção e leu erradamente a minha expressão como se me estivesse a fazer a ele. Quando tentou falar comigo, mandei-o dar uma curva, dizendo-lhe o que achava da sua atitude arrogante, egoísta e mentirosa.

É que, por muito atraente que fosse, aquele cretino tinha enganado a minha melhor amiga, seduzindo-a para a sua cama sem nunca lhe contar que era casado. E, por tudo isso, merecia todos os impropérios que me saíssem da boca! Mas quando ele exibiu aquele sorriso matreiro em resposta à minha diatribe, apercebi-me de que estava a insultar o homem errado.


Envergonhada, fugi dali sem sequer me desculpar. Afinal, nunca mais na vida iria ver aquele estonteante desconhecido, pensava eu... Até chegar atrasada à minha aula no dia seguinte e dar de caras com o *Professor West* — de quem eu iria ser assistente.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller_editora

 penguinlivros

ISBN: 978-989-589-762-9



9 789895 897629